

Semiologia dos ex-votos na Bahia: Arte, Simbolismo e Comunicação Religiosa

José Cláudio Alves de Oliveira¹

Resumo:

O objetivo deste ensaio é expor questões referentes aos ex-votos das “salas de milagres” dos santuários da Bahia, mostrando a questão da semiologia, que envolve os tipos de ex-votos e as linguagens que os cercam, tornando-os importantes elementos para a religião, a história social e da arte e, conseqüentemente, o patrimônio cultural, formas significativas para o estudo das culturas regionais principalmente quando verificamos as diferenciações tipológicas dos objetos.

Palavras-chave: ex-voto, semiologia, folkcomunicação, religião.

Abstract:

The objective this paper is show questions about ex-votos of that “sala de milagres” of Bahia’s sanctuaries, showing question of semiology that to embroil the kind of ex-votos and the languages that circle them, make them important elements to religion, history and, consequently, the cultural patrimony, meanings forms to the study of the regional cultures, principally when we see that different types of those objects.

Key-words: ex-voto, semiology, folkcommunication, religion.

Introdução

Antes de enveredarmos pelos caminhos que conceituam, definem e mostram os ex-votos, cabe dedicar algumas linhas ao problema mais geral da Semiologia e de sua importância como fornecedora de modelos teóricos vinculados a linguagens, para outras disciplinas, e como ciência que estuda os signos e os símbolos, objetos-base para a compreensão da iconografia e iconologia, dois itens pertinentes a este texto por neles fazerem parte os ex-votos, a forma e o conteúdo, respectivamente.

De certo sentido, podemos dizer que a explosão de estudos da semiologia sucede os progressos unificados nos estudos lingüísticos. (SAUSSURRE. 1972, 31-32) O nó da questão da ciência semiológica e de seus modelos de análise, bem como de todos os sistemas filosóficos e da própria vida humana, está precisamente na necessidade que tem o homem de fazer uso de símbolos ou signos para expressar suas idéias, suas angústias, seus temores, suas teorias, enfim,

¹ Historiador (UCSAL), Jornalista e Museólogo (UFBA). Mestre em História da Arte e Doutor em Comunicação (UFBA). Professor e Pesquisador do CNPq. (claudius@pesquisador.cnpq.br)

tudo se torna complexo e pode gerar confusão indizível, na prática, porque sendo a cultura uma forma de linguagem, a exemplo da língua, ela precisa dos signos, ela é simbólica.

Nas ciências sociais, e principalmente na comunicação, estuda-se uma matéria cheia de carga simbólica, a cultura materializada ou exteriorizada (cultura manifesta), e tentamos atingir o conteúdo da cultura, a cultura global enquanto sistema cultural que não é encontrado completamente nas mentes individuais. Este é o problema básico dos signos que atinge tanto a língua como a cultura em geral, de modo coletivo.

Umberto Eco escreveu um livro inteiro sobre o signo e nele apresenta várias noções distintas. Não há necessidade de expor todas, mas apenas duas que se aproximam ao tema Ex-votos: "Imperfeições, indício, sinal manifesto a partir do qual se podem tirar conclusões e similares a respeito de qualquer coisa latente. (...) Qualquer processo visual que reproduza objetos concretos, como o desenho de um animal para comunicar o objeto ou o conceito correspondente". (ECO, 1977, p. 15-16)

A semiologia estuda os signos, passíveis de serem visualizados em suas infinitas formas, com o auxílio, evidente, de estudos interdisciplinares. E, a partir dos dois dados de Eco, pode-se remeter ao ex-voto a questão signica e simbólica. Isso implicada inclusive na noção de documento-testemunho, pois a semiologia permite ler, desvendar o aspecto signológico dos objetos.

Assim, o ex-voto, nas formas escrita, artística – em bi e tridimensão do documento –, como uma casinha colocada no cantinho da "sala de milagres", a muleta (símbolo da enfermidade ou desenfermidade), enfim uma infinidade de "coisas" (objetos) passíveis de serem lidas e interpretadas, um mundo em que a percepção visual e tátil reserva para a codificação-explicação da comunicação entre o crente e a divindade.

A própria expressão "sala de milagres" conduz o pensamento a "promessas" e essas a "cabeças esculpidas", embora hoje as "cruzes" e "santinhos de barro" e "gesso" fujam desse pensamento arquetípico. A profusão de elementos em uma "sala de milagres" proporciona uma codificação maior dos signos votivos. Desse modo, o ex-voto se dinamiza em sua tipologia. Para o cientista, o ex-voto não é apenas um elemento de arte e promessa, é também um documento (de várias formas) que equivale às "solicitações" e "pagamentos" das "graças", que possuem formas específicas de almejar e de comunicar.

A disposição dos objetos, espalhados e/ou organizados na "sala de milagres", confirma a representatividade do ambiente e de seus elementos. São "promessas" dispostas sob forma de mensagens: lingüística, iconográfica, bibliográfica, fotográfica etc., que, semiologicamente, se pode classificar a que ciência se pode endereçar o documento e como interpretá-lo para o significado cultural, "porque não há, por definição, uma leitura simples ou unívoca de um quadro ou de um objeto, reflexo de um código que bastaria decodificar". (VOVELLE Apud BREHANT e GEORGES MOUNIN, 1987, p. 94)

Os objetos estão em profusão na "sala de milagres" do santuário de Bom Jesus da Lapa. Os signos transmitem falta de dinheiro, agradecimento por um casamento, por uma cura, proteção contra enfermidades, clamor por uma casa ou agradecimento pela aquisição. Enfim, promessas cumpridas e a serem cumpridas, que parecem infinitas. Os sinais existem em profusão no mundo. Eles e os signos podem ser intencionais ou não. Servem para comunicar mensagens. Através deles os homens expressam a verdade ou a mentira, a arte ou o grotesco, o sagrado ou o profano, o útil ou o desprezível, o amor ou o ódio, a virtude ou o vício. Toda atividade humana , significativa. Tudo tem valor simbólico ou lhe é atribuído este valor.

Através dos sinais, os mais variados, alguém infere boa quantidade de informações sobre um desconhecido, a começar pelo tipo físico, seguindo-se de outros aspectos, tais como: vestimenta, estado de higiene, tipo de sapato, cor da roupa, uso de relógio, modo de falar, postura geral etc.. Em suma, cada pessoa está vivendo dentro de padrões codificados a denotar e a informar sobre o meio e a classe social, modo de pensar, profissão e família e procedimento. Como diz o povo, "o uso do cachimbo faz a boca torta".

O caráter simbólico dos objetos valoriza, sobretudo, a metodologia do trabalho de campo realizada pelos etnólogos, mesmo os pioneiros. Embora sem se aperceber explicitamente desse caráter de comunicação de todos os produtos da cultura, os etnólogos tradicionais primaram pelos trabalhos descritivos, descendo, às vezes, a minúcias. Uma análise desses documentos etnográficos vem mostrar que o trabalho realizado por esses pioneiros pode, ainda hoje, ser de muita valia para a compreensão do fenômeno cultural.

O estudo da semiologia está muito ligado ao estudo da lingüística, da etnologia da nova história cultural. Com relação à lingüística, podemos dizer que ela se ocupa, preferencialmente, do estudo da linguagem articulada, ao passo que a semiologia procura estudar todas as formas de linguagem, que abarcam variadas culturas. Isso a faz se aproximar bastante da etnologia. A

importância do estudo da semiologia vem crescendo significativamente em face também do papel da comunicação moderna e do progresso dos estudos históricos. Em certo sentido, podemos afirmar que o aspecto significativo da cultura (símbolo, sintoma, sinal etc.) representa o ponto de convergência atual da maioria das ciências humanas. A esse respeito, a semiologia enfrenta problema semelhante ao de qualquer ciência que estuda as manifestações culturais.

Tentando propor de forma mais sistemática o campo ou o objeto de estudo da semiologia, Tzvetan Todorov distingue dois grupos de estudos semiológicos possíveis chamados respectivamente de "códigos" e de "sistemas de comunicação". O primeiro reuniria todas as formas de linguagens no sentido próprio, isto é, a linguagem articulada, os sistemas de comunicação baseados em outros sentidos (táteis, gestuais, as linguagens assobiadas, sonorizadas etc), as linguagens artificiais (documentários, lógicas) e a zoossemiótica. A lingüística atual não estuda (ou não estudava) todos os problemas de linguagem; seus métodos são puramente lingüísticos e seus resultados positivos. O segundo grupo de estudos semiológicos se ocuparia dos diferentes modelos de comportamento social, comportamento que serve para a comunicação, mas que não é exclusivamente destinado a isto. Estes modelos são estudados por diferentes disciplinas: a etnologia, a sociologia, a psicossociologia, a estética. As relações que elas mantêm com a lingüística são de outro gênero, e o emprego da palavra linguagem é aqui uma figura de retórica. (TODOROV, 1971, p.33-34)

Das palavras acima mencionadas depreende-se, facilmente, a grande ligação existente entre a etnologia, os estudos semióticos e lingüísticos. Justiça se faz às tentativas do estruturalismo antropológico e da denominada nova etnologia (tomada numa perspectiva atual) que vêm se preocupando com o estudo dos "códigos" e das "lógicas" de que é portadora a cultura em geral. De modo mais vago, isso já vinha sendo feito pelo funcionalismo de Malinowski, ao tratar a cultura como sistema. Com as análises formais da etnologia moderna, esta preocupação tornou-se mais explícita e mais consciente. Não obstante tudo isso, não devemos nos enganar quanto aos resultados desses estudos. O fato mesmo de esses estudos visarem o conhecimento das estruturas mentais inconscientes - e aqui podemos referenciar a História das Mentalidades -, os códigos culturais não manifestos e os aspectos convencionais consistentes da cultura não lhes permitem, p.ex., trazer muita luz à compreensão dos aspectos diacrônicos da cultura. Isso vale dizer que os estudos semiolingüísticos, ao que parece não se prestam para explicar as mutações e transformações pelas quais as várias culturas passam. De resto, a impressão é que essa limitação,

muito natural, mostra que toda teoria é parcial e incompleta. De qualquer forma, tal limitação não vem desabonar essas novas tentativas teórico-metodológicas da antropologia.

Cabe também indagar e colocar o problema da práxis da teoria. Umberto Eco (1977, p.24), afirma que a "semiótica não é somente uma teoria, deve ser também uma forma de práxis". O assunto cresce de interesse ao se considerar a importância assumida pelos meios de comunicação de massa da atualidade. E cresce também quando o cientista sabe que um simples Romeiro cria e possui códigos para testemunhar a sua "promessa".

Procede o questionamento acerca da validade de a etnologia incursionar-se no domínio do estudo da arte. Afinal, sabe-se que não há tanta concordância nem consenso com relação aos assuntos relativos à arte, campo em que os ex-votos fortemente se expressam.

É fácil perceber, também, que a arte não poderia escapar das considerações da Antropologia Cultural, uma vez que ela pertence ao domínio da cultura. Na linguagem vulgar, e até mesmo filosófica, ela é tomada, por vezes, como sinônimo de cultura; considerada quase como a mais cultural das atividades culturais.

A *produção simbólica* é um caminho potente no amplo campo da antropologia. Por produção simbólica, entende-se a produtividade coletiva de cada sociedade como forma de construção e encaminhamento do seu "*modus vivendi*". Suzanne Langer parte do postulado de uma necessidade simbólica presente no homem, e diz que "a função de fazer símbolos é uma das atividades primárias do ser humano, da mesma forma comer, olhar e mover-se de um lado para outro. É o processo fundamental do pensamento, mas um ato essencial ao pensamento e anterior a ele". (LANGER, 1971, p. 51) A referida autora trabalha com o duplo imaginário: o do pensamento (interior) e o prático-produzido (exterior). E com isso percebemos que, diante da simbolização, a arte carrega signos que são exatamente o significado do pensamento elevado pela (e na) sociedade, produto da exteriorização ideológica de um grupo, comunidade, país etc.

A produção simbólica abrange, ainda, a eleição de elementos, processos, formas, objetos preexistentes, tanto artificiais quanto naturais, para representação de ordens de realidade ou valores que, por um lado, são considerados transcendentais aos "suportes" mas, por outro, neles (quando assim recontextualizados) se consideram presentes e manifestos. Compreende também, é claro, a construção de objetos e a estruturação de esquemas ideológicos que visam muito além do campo da experiência, ou que simplesmente não lhe correspondem (crenças v.g.) - e engloba,

inclusive, a definição de praxes e normas que tem semelhantes esquemas por fundamentar (em particular, é o caso dos padrões de conduta ritual). (SERRA. 1991, p.155)

Vemos, então, a força que tem a arte (pela carga simbólica que traz em seu bojo) em representar os elementos significativos de uma dada sociedade. O trabalho, e a constante produção-reprodução de símbolos que retratam e desenvolvem o *modus vivendi*, a crença e as atitudes são pertinentes a uma comunidade e constituem uma constante essência da produção cultural, que desemboca, conseqüentemente, na identidade cultural, tornando vivo o referencial significante da civilização.

O ex-voto

Em um dicionário da língua portuguesa encontram-se as seguintes acepções, “substantivo masculino” que significa “quadro, pintura ou objeto a que se conferiu uma intenção votiva; quadro, placa com inscrições, figura esculpida em madeira ou cera (representando partes do corpo) etc., que se colocam numa igreja ou capela, para pagamento de promessa ou em agradecimento a uma graça alcançada”.²

A etimologia é originada do latim *ex-voto*, cuja preposição *ex* representa a 'causa de, em virtude de' e *voto* advém de *votum, i* 'voto', do rad. de *votum*, originado de *vovère* 'fazer voto, obrigar-se, prometer em voto, oferecer, dedicar, consagrar'. (Id.)

As enciclopédias nacionais brasileiras seguem a mesma linha definidora do dicionário. “Quadro ou objeto suspenso em lugar santo, em cumprimento de promessa ou de memória de graça obtida”. Ou ainda: “expressão de culto que quase sempre assume forma retributiva, concretizada na oferta de elementos materiais, em agradecimento de qualquer intervenção miraculosa ou graça recebida”. (ENCICLOPÉDIA, 1972, p.2645)

De modo geral, em publicações ilustrativas e em dicionários, o ex-voto vem a ser o quadro pictórico, desenho, escultura, fotografia, peça de roupa, jóia, mecha de cabelo ou outro qualquer objeto que se ofereça ou exponha nas capelas, igrejas ou salas de milagres, em regozijo da graça alcançada.

Nessas publicações o ex-voto é sempre o pagamento da graça e nunca o pedido (fato encontrado durante as pesquisas). Mas em todas elas a aproximação com a entidade superior, o

² DICIONÁRIO HOUAISS. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=ex-voto&stype=k&x=7&y=12> Acessado em 7 de setembro de 2006)

uso da arte e a simplicidade dos objetos expostos são características que sempre acompanham às definições.

Em alguns compêndios o ex-voto aparece como oferenda entregue após um voto formulado e atendido pelos deuses, nos tempos do paganismo, a Deus, a Virgem Maria e aos Santos, na vigência do Cristianismo, em ocasiões de angústias, doença mortal, perigo de morte dos animais domésticos e semelhantes. (Id.)

Dessa aproximação com a entidade superior, resulta, às vezes, a confecção de ex-votos artísticos. O agraciado, na impossibilidade de comprar peças industrializadas – a exemplo as de parafina –, executa uma peça, em geral tosca, esculpida em madeira ou modelada em barro, para o pagamento da “dívida” que tem com o santo.

Esculápio, médico na Antigüidade, na Grécia, recebia daqueles a quem curava a reprodução do braço, perna ou cabeça do doente. Objetos que traziam em suas formas os traços, as marcas e os sinais, artisticamente detalhados, dos males ocorridos nas referidas partes do corpo. Esse costume se generalizou a partir dos gregos, tomando conta, por volta de 2000 a.C., de grande parte do Mediterrâneo, em locais sagrados, santuários, onde os crentes pagavam suas promessas aos seus deuses. Os santuários de Delos, Delfos e Epidauro, na Grécia, notabilizaram-se pela quantidade e qualidade das ofertas recebidas.

São vários os tipos de ex-votos conhecidos, condicionando-se o maior número de determinado modelo ao próprio meio geográfico, embora isso não tenha um caráter determinante.

Vários pesquisadores e artistas plásticos classificam os ex-votos de várias maneiras. Alceu Maynard Araújo classifica-os, grosso modo, em elementos materiais do ritual protetivo e produtivo. Para ele, são protetivos aqueles que visam à proteção, embora não se possa determinar uma linha rigorosamente marcante para dividi-los. A cura, p.ex., é uma proteção da saúde ameaçada, assim como a oferta de mecha de cabelo – de grande valor, pelo desconhecimento das forças que atuam sobre seu crescimento –, que visa igualmente à proteção do crente. (ARAÚJO, 1951, p.20)

Já nas promessas feitas por ocasião da passagem da bandeira do Divino Espírito Santo, agarrando óbolos para a festa, quando pagos, os ex-votos, após a desobriga, pertencem ao ritual produtivo. (Id, 21)

A jóia – ex-voto característico dos moradores das cidades – é um tipo protetivo e produtivo, porque é sempre depositado em uma sala de milagres com vista à felicidade futura, como das jovens esposas, no santuário de Aparecida do Norte, em São Paulo.

É difícil classificar os ex-votos em termos de forma, dada a diversidade dos tipos e materiais em muitas salas de milagres pelo mundo católico. Para se ter uma noção, porém, pode-se dizer que eles são formatados como antropomorfos, zoomorfos, simples ou especiais, representativos de valor e, por fim, tradicionais.

Antropomorfos são os que representam o corpo humano, no todo ou em parte, em desenho, esculturas, pinturas ou fotografias; zoomorfos são as representações de animais; simples são os objetos de uso cotidiano e religioso, como as fitinhas, os vestidos brancos e os sapatos, entre outros, que possuem valor pessoal do crente; os especiais ou representativos de valor são os ex-votos que, economicamente, têm valor monetário e de características orgânicas. A exemplo pode-se citar jóias, dinheiro (em espécie), objetos artísticos considerados de grande valor e bens de consumo imediato (como pequenos sacos de feijão, arroz e milho). Foi-se o tempo em que o dinheiro, em espécie, era depositado em salas de milagres! Fato que hoje não se encontra. Os exemplos dos orgânicos estão, principalmente, para os miomas colocados em vidros e expostos nas salas de milagres.

Quando se fala em tradicionais, procura-se dizer dos ex-votos clássicos que, artisticamente, possuem formas escultóricas e pictóricas, que possuem uma tradição temporal, histórica, e que por isso formam os denominados de “promessas” e/ou “milagres”. Exemplos mais clássicos são as cabeças, os braços, pernas etc., de madeira, barro ou até mesmo de parafina, encontrados nos santuários e salas de milagres. (V.fig. 1)



Fig.1. **Ex-votos tradicionais escultóricos - 2003.**
Sala de milagres da Igreja da Ajuda, em Salvador.

Inserindo essa linha formal na classificação dos ex-votos, pode-se dizer, então, que os ex-votos antropomorfos, zoomorfos e alguns simples têm mais cunho protetivo, enquanto os especiais – decorrentes de outras negociações com o sobrenatural – têm cunho produtivo.

Todavia, uma peça trabalhada em madeira tem valor artístico incomparável, já que ela representa um testemunho da crença de um indivíduo, ou seja, um objeto representativo à vida religiosa de um cidadão, algo que possui valor cultural e individual.

A museóloga Maria Augusta Machado da Silva, em seu livro “Ex-votos e orantes no Brasil”, classifica os ex-votos em duas categorias vinculadas a distintos processos culturais. A primeira é a mágica, que corresponde a estágios primários de relacionamento com a divindade ou seus agentes. A segunda é a mágico-religiosa, que tem como forma de expressão a paraliturgia popular. (SILVA, 1981, p.67)

O pensamento de Silva está voltado para um processo de magia que, em tese, é o poder do ex-voto – diante da reza, do gestual no momento da desobriga e da própria fé – concretizar o milagre. A autora, então, vê o ex-voto como objeto que, junto à crença popular, consegue trazer ao crente aquilo que fora almejado.

Ainda para Silva, o aspecto testemunhal do ex-voto exige um processo de comunicação social. Com isso ela descreve as formas testemunhais ex-votivas de representação iconográfica da

graça obtida, envolvendo a ocorrência que motivou a graça (doença etc.) à representação escultórica da doença curada que é a forma mais conhecida de um ex-voto. Outra forma é a do objeto, antes essencial ao milagrado e tornado desnecessário pela cura, como exemplo, as muletas e os óculos são os mais frequentes. (Id, p. 100)

Para a museóloga, as ofertas de bens destinados a divulgar a devoção ao santo padroeiro são, principalmente, o dinheiro, as jóias e os objetos preciosos de uso litúrgico. Nestes podem ser enquadradas as capelas construídas em agradecimento e desobriga de um voto. Elementos simbólicos da religião como velas, medidas, flores etc. são, para Silva, parte do variado acervo ex-votivo, que ode ter também como constituintes as cruces penitenciais usadas em peregrinações.

A participação em circunstâncias especiais de cerimônias litúrgicas, durante as quais o agraciado, através do uso de vestes, testemunha publicamente a sua gratidão é, para a referida autora, uma cerimônia ex-votiva, que procura exaltar a crença momentânea em que o pedido e a reza são evocados de maneira a profetizar o estado de espírito entre o pedinte e o santo.

Certamente que as vestes podem ser ex-votos. Mas não se constituirão como tais, numa cerimônia ex-votiva, se o crente não “depositar” o objeto na sala de milagres, no caso uma bata, geralmente de cor branca, vestida por cima da roupa com que viajou.

Com essa classificação das formas testemunhais ex-votivas e do próprio ex-voto, Silva propõe em seu livro variantes como o uso de vestes e cores miméticas, nomes de santos a recém-nascidos e até mesmo a cantiga ou ladainha.

São variantes que se compõem sim de um ritual ou basicamente de elemento votivo, advindo do voto. As promessas de dar nomes de santos a recém-nascidos não se constituem atos ex-votivos, pois não houve a desobriga em espaço determinado que constitua o ex-voto. Também, rompe com a tradição milenar das origens. Tais promessas seriam, então, apenas um voto ao santo, um cumprimento ou ladainha.

Neste caso é bom separar os conceitos de votivo e ex-votivo. O primeiro diz respeito às ofertas em cumprimento de voto ou promessa ao santo, com o uso ou a tradição de manter cerimoniais. Assim, por exemplo, pode-se dizer, o uso de figas, pingentes, de ofertas de caruru, de ir em romaria, de levar romeiros, de acender velas em dias determinados, de dar nomes de santos aos bebês, e outros aspectos, são modos de ações votivas.

Já o conceito de ex-votivo refere-se apenas ao ato voltado para o ex-voto. Então, a desobriga, o ato de depositar o ex-voto, em uma sala de milagres, ou um canto da igreja, em meio ao cerimonial de reza individualmente feita, é um ato ex-votivo. E dessa forma fica esclarecido que, se um romeiro for à igreja, vestindo uma bata, está cumprindo um voto. Porém, se ele, além disso, retira a bata para depositá-la em alguma parte da igreja ou na possível sala de milagres do templo, estará cumprindo uma ação ex-votiva. Ex-voto, então, é o objeto depositado em uma sala de milagres, e não a reza, a romaria, o nome do santo a pessoas, cantigas e ladainhas. Essas tradições são ações votivas.

Luiz Beltrão (2001) classifica o ex-voto como mídia popular, artifício comunicacional daqueles que não têm voz, do povo pouco letrado que não tem alcance nas mídias clássicas como rádio e televisão, e que, com determinados interesses, dirige-se a salas de milagres para, além do pagamento da promessa, testemunhar fatos passados ou presentes, e levar ao público em geral ações ocorridas.

Num brilhante estudo sobre a folkcomunicação, Beltrão traz as potencialidades dos meios populares de comunicação, e vê nos ex-votos características tipológicas de difusão das mensagens individuais e religiosas que captam assuntos diversos de interesses coletivos.

Beltrão (Id, sic) classificou o que ele denominou de “fenômenos da comunicação popular”, conceituados como gêneros *folkcomunicacionais*, que compreende as formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural difundida pelo povo, por comunidades, urbanas ou rurais. Tais gêneros são os caracterizadores dos mecanismos artesanais de difusão simbólica que expressam, em linguagem popular, mensagens. Nesse sentido, podemos pensar, sobretudo, na Literatura de Cordel, que nos presenteia com os folhetins, os rótulos de garrafas de cachaça e licores e o repentismo. Assim como nas diversas manifestações populares que trazem as riquezas e mensagens através das cores, das cantigas, dos brinquedos, das brincadeiras, dos folguedos, festas, religiosidade e uma infinidade de atividades e atitudes que o homem criou e cria espontaneamente no anseio popular.

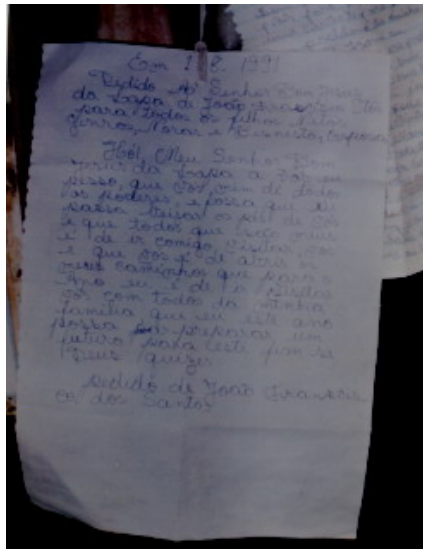
Em nosso caso, trataremos dos ex-votos, objetos colocados em salas de milagres de santuários católicos de algumas cidades populares e sagradas do Brasil, das promessas, das procissões, enfim, das graças alcançadas que advêm da religião do povo, milenar, do “catolicismo rústico do campesinato, do pentecostalismo tradicional, das modalidades arcaicas e atuais de cultos afro-brasileiros e os surtos messiânicos” (BRANDÃO, 1980), que em muitas vezes se

mistura de tudo, ao se tomar como base critérios mais culturais do que políticos, quando se extrai uma variação de modelos culturais, em certos sentidos livres dos anseios institucionais, ou seja, o que se prevalece é a espontaneidade de cada um, e aqui a questão das mensagens e informações que o indivíduo coloca em uma sala de milagres, testemunhando os benefícios que teve através da promessa.

Outros pesquisadores brasileiros, como Clarival do Prado Valladares, Luiz Saia, Oswald de Andrade Filho e Mário Barata, possuem definições bastante aproximadoras entre si e que elencam o ex-voto como objeto da crença religiosa, desenvolvido, artisticamente ou não, com o intuito de testemunhar uma promessa, um milagre, em santuários, capelas e cruzeiros. Esses pesquisadores aportam-se mais na questão artística, que será vista mais adiante.

De todas as definições acima – com exceção apenas de Raymundo Dall’Agnol – depreende-se as conclusões de que os ex-votos são objetos bi e tridimensionais que se colocam numa igreja, numa capela ou em um cruzeiro, em cumprimento de um voto ou promessa. Objeto entregue após um voto formulado ao santo protetor. Objeto-testemunho de um pedido ou de um pagamento da graça.

Formulando um conceito retirado a partir de uma visualização *in loco* das maiores "salas de milagres" dos santuários católicos da Bahia, podemos afirmar que os objetos são também pedidos às experiências vividas ou a serem vividas. Um simples cartão de identificação de vestibular é um exemplo. Há cartões que ainda aguardam o resultado das provas, mas que já têm um escrito à mão suplicando a aprovação do candidato. As fitinhas são um outro exemplo. Elas, além do uso corporal, são depositadas (enlaçadas) nas cruces de cruzeiros e "salas de milagres" de capelas e igrejas, acompanhadas de oração e pedidos para um simples "bom dia" ou "feliz ano novo". Mas os bilhetes são exemplos fáceis de referenciar os ex-votos que pedem. Eles são solicitações, pedidos para a proteção ou ganho de qualquer coisa. (Fig. 2)



Ex-voto da sala de milagres do santuário de Bom Jesus da Lapa, Ba. "Bilhete".

"Em 1.8.1991

Pedido Ao Senhor Bom Jesus da Lapa de João Francisco Stos para todos os filhos Netos genros, Noras e Bisnetos, Esposa

Hó! Meu Senhor Bom Jesus da Lapa a vós eu pesso, que vós me dê todos os poderes, e fassa que eu possa beijar os pé de vós e que todos que são meus é de ir comigo, visitar vós, e que vós é de abrir os meus caminhos que para o Ano eu é de ir visitar vos com todos da minha família que eu este ano possa preparar um futuro para este fim se Deus quizer.

pedido de João Francisco dos Santos."

Fig. 2 – Ex-voto bilhete. Bom Jesus da Lapa

Quando um ex-voto se define como objeto matéria, apresenta determinadas características básicas que identificam a categoria. Para a referida museóloga, o aspecto testemunhal do ex-voto exige um processo de comunicação social. Com isso, ela descreve as formas testemunhais ex-votivas, assim sendo: a de representação iconográfica da graça obtida, envolvendo a ocorrência que motivou a graça (doença, etc.); a representação escultórica da doença curada, que é a forma mais conhecida de um ex-voto. Outra forma é a do objeto, antes essencial ao milagrado e tornado desnecessário pela cura milagrosa, como exemplo, as muletas e os óculos são os mais referenciados. As inscrições tabulares, em mármore ou outro material "nobre" de testemunho-gratidão pela graça alcançada, forma letrada de ex-voto que parece indicar o declínio da espécie. As ofertas de bens destinados a divulgar a devoção ao agente do milagre, tanto em espécie como em jóias, ou em objetos preciosos de uso litúrgico. Nesses, podem ser enquadradas as ermidas e capelinhas construídas em agradecimento e desobriga de ex-voto.

Para Silva, elementos simbólicos ofertados, como velas, medidas, flores etc., são parte também do variado acervo ex-votivo, como também as cruzes penitenciais usadas em peregrinações votivas e ex-votivas. (SILVA. 1981, p. 137) A participação, em circunstâncias especiais, de cerimônias litúrgicas durante as quais o agraciado, usando vestes que mimetizam o a crença, testemunha publicamente a sua gratidão. É, sem dúvida, uma cerimônia ex-votiva, que procura exaltar a crença momentânea, em que o pedido junto com a reza são evocados de maneira a profetiza o estado de espírito entre o pedinte e o santo.

Com esta classificação das formas testemunhais ex-votivas, podemos verificar variantes como sendo: uso de veste e cores miméticas, nomes de santos a recém-nascidos e até mesmo a cantiga (ou ladainha).

Os ex-votos são objetos de crença popular vinculados à fé religiosa com propósitos variados. Também, e é claro, não deixam de ser objetos de História da Arte, que esperamos, não estude apenas formas, composições, dimensões etc., aspectos técnicos cujo estudo se distancia de uma *história da arte* e passa a ser uma análise técnica.

Fazemos questão de focalizar a noção de documento e arte, não por ser a única ou a mais válida, mas por ser uma abordagem possível. Podemos registrar também posições semelhantes com relação ao fato folclórico e ao sagrado, colocações que emergem do estudo da "religião popular" descrita geralmente como algo perpétuo ao povo, às massas, em que o catolicismo rústico do campesinato, o pentecostalismo tradicional, as modalidades arcaicas e atuais de cultos afrobrasileiros e os surtos messiânicos fazem parte.

Falar dos santuários votivos, das cidades sagradas brasileiras e populares, dos ex-votos, das promessas, das procissões, das novenas, dos terços, das crendices e da superstição, é teorizar a religião popular. Eles existem nos quintais dos palacetes, nas pontas de ruas, no litoral, no agreste e no sertão.

De nossa parte, não se pode distingui-los da crença, e desta podemos verificar a importância do sagrado e do artístico. O sagrado é essencialmente vida do objeto; há, todavia, uma criação do sagrado que precede o objeto e que pode permanecer sem o objeto. É uma dupla reverência ao total, a ambivalência: a criação sobrenatural e tudo o que, por qualquer via que seja, é sagrado e vem do alto; a criação coletiva, intra-humana, que os grupos, no meio social, reconhecem no instante ou no tempo, como portadores de poder sagrado. Referimos aqui, também, às ladainhas, às cantigas que acompanham a entrega do voto ao santo. A cantiga (a reza desvinculada do oficialismo clerical), o momento da força e sustentação do pedido. Ela é ouvida no Bomfim, em São Lázaro, em Aparecida do Norte, em Bom Jesus da Lapa e em Juazeiro do "Padim Padre Cícero". Eis aí quatro bons exemplos de santuários do Brasil, que comportam suas profusas "salas de milagres".

O ex-voto não diz respeito apenas a aspectos relevantes da história, museologia, comunicação e sociologia da arte. E, por ser também uma arte fabricada, com o intuito de alcançar algo que está além do material, é também uma arte popular vinculada ao artesanato -

características que perduram em qualquer parte do mundo no tocante à religiosidade, à crença. Não é tão simples a separação entre arte popular e artesanato. E por isso deixaremos para uma outra oportunidade outra entrar nessa discussão.

O ex-voto, então, acompanha uma série de vertentes que permite estudar a humanidade. É um testemunho histórico, documento que exalta o estudo da fé e religiosidade, e que pode mesmo não ser uma carta, um diploma ou um bilhete - documentos típicos de arquivos -, mas uma escultura do pequenino Boi-Barrica, do casamenteiro Santo Antonio ou, até mesmo, um pára-choques de um automóvel.

Dos santuários que servem de palco para romarias na Bahia, e conseqüentemente enriquecimento do mundo dos ex-votos, estão Nossa Senhora da Ajuda, São Lázaro e Senhor do Bomfim, em Salvador; Senhor Bom Jesus da Lapa, em Bom Jesus da Lapa; Nossa Senhora das Candeias, na cidade de Candeias; Gruta da Mangabeira, em Ituaçu; Nossa Senhora dos Milagres, na cidade de Milagres e o Monte Santo, na cidade homônima, no sertão baiano. Com exceção do Santuário da Ajuda, hoje com pouco número de visitantes e peregrinos, os demais santuários possuem grande fluxo de romeiros e peregrinos que para esses espaços se dirigem, seja a pé, de caminha pau-de-arara, seja de ônibus.

São nesses santuários, patrimônios históricos baianos, e de repercussão nacional, que se encontram as "salas de milagres", espaços construídos pelo homem, formado de paredes ou situados na gruta calcárea apenas com alguns retoques no piso (degraus) e na fraca iluminação elétrica. Eles abrigam os ex-votos que representam não somente a existência das romarias, mas a fé de pessoas que pagam e que solicitam uma graça.

Nas salas de milagres desenvolvidas nas grutas os ex-votos são espalhados quase que aleatoriamente, com pouca arrumação. A conservação é simples: vassoura, espanador e o descarte de objetos. Esse descarte tem dois destinos: o lixo ou a incineração e as doações. Os retratos e cartas vão ao lixo ou são queimados; muletas, cadeiras de rodas e bacias são doadas a instituições de caridades. São os destinos programados pela própria igreja, que mantém os zeladores e os vigilantes no santuário.

Já nas salas de milagres existentes em Salvador, Candeias, Milagres e Monte Santo, há uma organização maior. O Santuário do Bomfim, p.ex., possui o Museu dos Ex-votos, cujo acervo foi criado a partir de curiosos ex-votos que passaram pela sala de milagres, num claro processamento de acervo, para fins de criação museográfica.

Ainda sobre o descarte, no Bomfim há a doação de ex-votos de parafina às Obras Assistenciais Irmã Dulce, onde são derretidos e convertidos em velas para venda. Uma demonstração de reaproveitamento da matéria prima que, além do benefício a uma Instituição, proporciona a troca material que manterá a tradição católica.

Os ex-votos existentes nesses espaços são ínfimos e, como em todas as "salas de milagres", efêmeros, no sentido de que possuem pouca duração no espaço e no tempo, já que, a cada dia, a cada hora, chegam "promessas". São ínfimos, devido à variedade, à rica tipologia, tão vasta que impossível uma catalogação quantitativa.

Superado apenas pelos santuários de N.Sra.Aparecida (São Paulo) e Juazeiro do Norte (Ceará), o santuário de Bom Jesus da Lapa, é o maior da Bahia, um dos que mais atrai peregrinos no Brasil, e talvez o mais antigo em termos de romarias. A data oficial do descobrimento do morro, onde se encontra, é de 1692. Oficial porque existem outras datas declaradas por poucos escritores. Todavia, não há outra data que ultrapasse esse marco. As outras são referenciadas como anteriores.

Os ex-votos são profusos, criando uma constante "signagem", ou seja, uma rápida substituição de signos e símbolos. A cada momento um tipo é descartado; a cada instante um novo (e até então inexistente) ex-voto surge. É uma velocidade impressionante. (Fig. 3)



Ex-votos da sala de milagres do santuário de Bom Jesus da Lapa.

Fig. 3.

Na Bahia a tipologia ex-votiva abarca tudo. Das fitinhas dos padroeiros a um chapéu, da botina à cela de montar a cavalo. Enfim, diversidade, desproporções, tamanhos e dimensões diferenciadas são as qualidades desse universo documental, pois todos os ex-votos da "sala de

"milagre" são documentos. Refletem a crença, a fé e as atitudes do homem diante da vida, da doença, da morte, da ambição, da festa, de variados valores sociais, políticos e econômicos que elucidam os comportamentos coletivos e as estruturas mentais. Quer dizer, esses documentos ilustram as mentalidades coletivas no âmbito de contextos históricos.



Fig. 4. Variação de Ex-votos no santuário de Milagres.

Os ex-votos são expostos pelo próprio crente ou a pedido. Com pouca ou nenhuma arrumação. O próprio objeto, com seus bilhetes e às vezes artisticamente trabalhado, com seus símbolos fáceis de uma decodificação, transmite ao espectador as atitudes representadas. Uma transmissão que cai no campo da subjetividade, popular e científica.

É o documento proporcionando a comunicação a partir de uma exposição provocada por quaisquer pessoas, sejam camponeses, trabalhadores, desempregados, turistas, estudantes, ricos e pobres.

Fica patente uma bifurcação que lega ao ex-voto, no âmbito da semiologia, dois caracteres. Primeiro, o caráter comunicativo. O poder que tem os objetos de comunicar com os visitantes da "sala de milagres", a comunicação embutida no objeto, seja ela com um anexo (um bilhete ou uma carta que vem junto da escultura, do quadro, do caixão funerário), seja na expressão artística dada ao objeto, que passa a, artisticamente, expressar um valor simbólico. Esse valor simbólico é o segundo caráter dado ao ex-voto, que mostra a sua originalidade.

Os ex-votos simbolizam as diversas atitudes do homem, estejam elas situadas em seu mundo particular ou aquelas que passam a afirmar questões estruturais do próprio país. Dois

exemplos, para este segundo caráter, são: os caixões funerários e as maquetes da "romaria da terra" (que acontece nos meses de Julho). Os primeiros, simples, decorados artesanalmente, com bilhetes e cartas, expressam o sentimento à morte, pela salvação, de alguém que esteve à beira da morte e se salvou, "pagando" com aquilo que seria o símbolo do seu enterro. Por outro lado, os bilhetes (que muito ajudam a decifrar os testemunhos) atestam uma "boa morte", o "fim de um sofrimento", o "alcance a Deus", por "ter-lhe chamado". O segundo exemplo refere-se às maquetes, figuras que representam ranchos, fazendas, casas de campo e roças, com o gado, o mato e a cerca, produzidas em madeira, pintadas ou envernizadas. São produzidas artesanalmente, bem detalhadas e, geralmente, possuem inscrições ou um "anexo" (bilhete) que referencia o agradecimento pela terra conquistada, o "pedido" por um "pedaço de terra", e até mesmo o "pedido" para a melhora da lavoura no país. (Fig. 5 e 6)



Fig. 5 Ex-voto Caixão funerário



Fig. 6 Ex-voto Maquete/casa.

Pedidos e agradecimentos nos conduzem a uma explicação estrutural do país: a questão agrária, ponto crítico dos problemas brasileiros, que corresponde às propostas de reforma agrária, a frágil política rural, a existência dos "sem terra" e, ponto culminante, a desplanificada distribuição de terra no país: o que vem a produzir posseiros, grileiros e fazendeiros, que ocasionam diferenciações misturadas a privilégios (por parte de poucos) que geram conflitos e morte.

É notório o potencial informativo dos ex-votos. É evidente o poder simbólico que ele traz em sua forma, seja ela artística ou não. Esses objetos, além da riqueza informativa, carregam um detalhe que os torna ainda mais ricos: a "produção artística". Uma produção que entra hoje em conflito com o *kitsh*, com a foto 3X4, com as fitinhas e uma imensa tipologia existente. Um conflito que, pelo contrário, não reflete derrota a qualquer das partes. Reflete sim o engrandecimento, primeiro da diversificação dos objetos: se artístico, ele vai além dos arquétipos (tradicionais) e se compõem de novos objetos artesanais, do caixão funerário à maquete. Se *kitsh*, ele, de cera ou gesso, produzido em fôrmas, tem a forma dos antigos e tradicionais ex-votos. Perpetuam uma simbologia na forma, dão um contínuo à tipologia, proporcionam uma dialética da produtividade e se tornam elementos ricos para o estudo da folkcomunicação, respaldado nas histórias de fé, da religiosidade católica de longa duração.

Bibliografia

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1972. 320 p.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

_____. **Comunicação e Folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980

CAMARGO, Maria Vidal de Negreiros. "A sala de milagres na igreja do Bomfim. Museu de arte popular ou visualização de comportamento?" In: **Boletim NEHAP-EBA-UFBA**, 1989. p. 6-18

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 149 p.

CRAVO NETO, Mario. **Ex-voto**. São Paulo, 1986. 142 p. il.

DICIONÁRIO HOUAISS. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=ex-voto&stype=k&x=7&y=12> Acessado em 7 de setembro de 2006)

ECO, Umberto. **O Signo**. Lisboa: Progresso, 1977. 180 p.

ENCICLOPÉDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1972. v. 6, p. 2645, il.

_____. **Estrutura ausente** - introdução à pesquisa semiológica. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000, 427 p. il.

FISHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 8 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 253 p.

FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**: elementos estruturais da sociologia da arte. São Paulo: Perspectiva, 1982. 444 p. il (Estudos)

GARDONI, Emilio. **Proyecto de semiótica - mensajes artísticos y lenguajes no verbales, problemas teóricos y aplicados**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S/A, 1973. 378 p.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989. 110 p. (Princípios)

LANGER, Suzanne. **Filosofia em nova chave**. São Paulo: Perspectiva, 1971. 210 p.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves. **Ex-votos do santuário de Bom Jesus da Lapa na Bahia: religião, arte e sociedade**. Salvador: EBA-UFBA, 1995. 122 p. il. (Dissertação de Mestrado)

_____. “Ex-votos da ‘sala de milagres’ do santuário de Bom Jesus da Lapa na Bahia: semiologia e simbolismo no patrimônio cultural”. Disponível em www.revistamuseu.com.br. Acesso em 6 de setembro de 2006

_____. Santuário do Senhor do Bomfim. Ex-votos, patrimônio cultural e fé. In: **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**. N. 1. Disponível em <http://www.eca.usp.br/turismocultural/claudio.pdf>. Acesso em 26 de maio de 2007

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. O Símbolo e o Ex-Voto em Canindé. In: Revista de Estudos da Religião. São Paulo: PUC, Nº 3 / 2003 / pp. 99-107

SAIA, Luiz. “Escultura popular de madeira”. In: MAGALH-ES, Gisela (org.) **7 Brasileiros e seu universo - artes ofícios origens permanências**. Brasília: MEC/DDD, 1974. p. 34-45 il.

SILVA, Maria Augusta Machado da. **Ex-votos e orantes no Brasil**. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981. 178 p. il.

TODOROV, Tzvetan. **Semiologia e Lingüística**. Petrópolis. Vozes. 1971. 201 p.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Memória do Brasil**: um estudo da epigrafia erudita e popular. Rio de Janeiro: UFRJ, 1976. 44 p. il.

VOVELLE, Michel. **Ideologia e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 417